

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O País dos Doces

“Eu vou pegar o guarda-sol vermelho da mamãe, está tão quente, e nenhuma das crianças na escola terá um igual a esse,” disse Lily, um dia, enquanto passava pelo corredor.

“O vento está muito forte; temo que você seja levada pelo vento se carregar essa coisa grande,” chamou a Governanta da janela, enquanto o guarda-sol vermelho ia flutuando pelo caminho do jardim com uma menina pequena embaixo.

“Eu gostaria que fosse; eu sempre quis ir para cima em um balão,” respondeu Lily, enquanto ela se esforçava para sair pelo portão.

Foi bem até ela chegar à ponte e parar para olhar sobre a grade para a água que passava tão rapidamente, e as tartarugas tomando sol nas pedras. Lily gostava de jogar pedras na água, ela se abaixou para pegar uma pedra, e naquele momento uma rajada de vento quase levou o guarda-sol da sua mão. Ela o agarrou com força; e lá foi ela, como uma pluma de cardo, subindo para o ar, sobre rios e colinas, casas e árvores, cada vez mais rápido, até sua cabeça girar, o fôlego acabar, e ela teve que largar. O querido guarda-sol vermelho voou como uma folha; e Lily caiu, caiu, até se chocar com uma árvore que crescia em um lugar tão curioso que ela se esqueceu do susto enquanto se sentava olhando ao redor, se perguntando em que parte do mundo estaria.

A árvore parecia feita de vidro ou açúcar colorido; pois ela podia ver através das cerejas vermelhas, das folhas verdes e dos galhos marrons. Um cheiro agradável atingiu seu nariz; e ela disse imediatamente, como qualquer criança diria: "Eu cheiro doce!" Ela pegou uma cereja e a comeu. Ah, como era boa! – todo açúcar e sem caroço. A próxima descoberta foi tão deliciosa que ela quase caiu de seu lugar; pois, ao tocar a língua aqui e ali, ela descobriu que a árvore inteira era feita de doce. Pense no quanto seria divertido sentar e quebrar galhos de açúcar de cevada, cerejas cristalizadas, e folhas que tinham gosto de hortelã e sassafrás!

Lily balançou e comeu até terminar o topo da pequena árvore; então ela desceu e passeou, fazendo mais descobertas surpreendentes à medida que andava. O que parecia neve sob seus pés era açúcar branco; as pedras eram pedaços de chocolate, as flores de todas as cores e sabores; e todo tipo de fruta crescia nessas árvores encantadas. Logo apareceram pequenas casinhas brancas; e ali moravam os delicados habitantes de açúcar, feitos do melhor açúcar, pintados para parecerem pessoas reais. Queridos homens e mulheres, com aparência de terem saído de bolos de casamento e bombons, andavam em suas roupas de açúcar, rindo e conversando com as vozes mais doces. Pedacinhos de bebês balançavam em berços de renda, e meninos e meninas de açúcar brincavam com brinquedos de açúcar. Carruagens rolavam pelas ruas, puxadas pelos cavalos de cevada vermelhos e amarelos que todos adoramos; vacas pastavam nos campos verdes, e passarinhos de açúcar cantavam nas árvores.

“Essa é a música mais interessante que eu já ouvi,” disse Lily, batendo palmas com as mãos pegajosas e dançando em direção a um lindo palácio de doce de creme branco, com pilares de bastões de hortelã listrados e um telhado de glacê que o fazia parecer a Catedral de Milão.

“Eu vou morar aqui, e comer doce o dia todo, sem escola cansativa ou trabalho de costura que estrague minha diversão,” disse Lily.

Então ela subiu os degraus de chocolate para os quartos bonitos, onde todas as cadeiras e mesas eram feitas de diferentes tipos de doces, e as camas de açúcar. Uma fonte de limonada fornecia bebida; e os pisos de sorvete que nunca derretiam impediam as pessoas e as coisas de grudar umas nas outras, como teria acontecido se estivesse quente.

Por muito tempo Lily foi bastante feliz, indo de um lado para o outro, provando muitos tipos diferentes de doces, conversando com os pequenos, que eram muito amáveis, e descobrindo coisas curiosas sobre eles e seu país. Os bebês eram feitos de açúcar comum, mas os adultos tinham diferentes sabores. As jovens eram saborosas como violeta, rosa e laranja. Os mais velhos tinham gosto de hortelã, cravo, e outras coisas confortáveis, boas para dor; mas as senhoritas tinham sabor de limão, erva-doce, boldo, e todos os tipos de coisas amargas e azedas, e não eram muito comidas. Lily logo aprendeu a conhecer o caráter de seus novos amigos por um único gosto, e alguns ela nunca tocava, exceto uma vez. Os queridos bebês derretiam na boca, e as delicadamente aromatizadas jovens senhoras ela adorava. O Dr. Ginger

foi chamado mais de uma vez quando tanto doce fez seus dentes doerem, e ela o achou um homem muito mal-humorado, mas ele parou a dor, então ela ficou feliz por vê-lo.

Um garoto de bala-lima e uma menininha de framboesa-pink eram seus companheiros de brincadeira favoritos; e eles se divertiam muito fazendo tortas de barro, raspando as pedras de chocolate e misturando essa poeira com mel dos poços próximos. Isso eles podiam comer; e Lily achava isso muito melhor do que jogar as tortas fora, como tinha que fazer em casa. Eles faziam puxões de doce frequentemente, e faziam balanços de longos laços de bala de melão, e ninhos de pássaros com ovos de amêndoas, de onde saíam passarinhos que cantavam suavemente. Jogavam futebol com grandes bolas de alvo, navegavam em barcos de açúcar em lagos de xarope, pescavam em rios de melão, e montavam os cavalos de cevada por todo o país.



Lily descobriu que nunca chovia, mas nevava açúcar branco. Não havia sol, pois teria ficado muito quente; mas uma grande bala amarela fazia uma lua agradável, e balas vermelhas e brancas eram as estrelas.

Todos os habitantes viviam de açúcar e nunca brigavam. Ninguém ficava doente; e se alguém se quebrava, como às vezes acontecia com tais criaturas frágeis, eles apenas juntavam as partes e ficavam bem novamente. O

modo como envelheciam era ficando cada vez mais finos até haver o risco de desaparecerem. Então seus amigos o levavam a um vaso com um xarope especial; e ali ele era mergulhado e mergulhado até ficar forte e saudável novamente, e ia para casa para se divertir por um longo tempo, como novo.

Isso era muito interessante para Lily. Mas os casamentos eram melhores; pois as lindas noivas brancas estavam tão doces que Lily desejava comê-las. Os banquetes eram deliciosos; e todos iam com suas melhores roupas e dançavam no baile até ficarem tão quentes que meia dúzia deles grudavam juntos e tinham que ser levados para a sala de sorvete para se refrescarem. Então o pequeno par se afastava em uma carruagem fina com cavalos brancos para um novo palácio em alguma outra parte do país, e Lily teria outro lugar agradável para visitar.

Mas, com o tempo, depois de ver tudo, e comer tanto doce que finalmente desejava pão e manteiga simples, ela começou a ficar mal-humorada, como sempre acontece com crianças que vivem de doces; e os pequenos queriam que ela fosse embora, pois tinham medo dela. O rei ordenou que ela voltasse para casa; mas ela disse: "Não vou!" e mordeu a cabeça dele, coroa e tudo.

Um grito tão alto subiu por essa terrível ação que ela fugiu da cidade, temendo que alguém colocasse veneno em seus doces, pois ela não tinha outro alimento.

"Eu suponho que vou chegar a algum lugar se continuar andando; e não posso morrer de fome, embora odeie a visão dessa coisa horrível," disse para si mesma,

enquanto apressava-se pelas montanhas da Rocha de Gibraltar, que separavam a cidade de Saccharissa do grande deserto de açúcar mascavo que ficava além. Lily marchou corajosamente por um longo tempo, e finalmente viu uma grande fumaça no céu, sentiu um cheiro picante e sentiu um vento quente soprando em sua direção.

Ela se arrastou cuidadosamente até ver um assentamento de pequenas cabanas como cogumelos, feitas de biscoitos colocados sobre pedaços de açúcar mascavo; e pessoas, parecendo feitas de biscoito de gengibre, trabalhavam muito ocupadas em torno de vários fogões que pareciam assar a uma grande velocidade.

“Vou me aproximar e ver que tipo de pessoas elas são antes de me mostrar,” disse Lily, indo para um bosque de árvores de especiarias e se sentando em uma pedra que se revelou ser o tipo de bolo ameixa que costumávamos chamar de Brighton Rock. Então, um dos homens passou e a viu.

“Olá, o que você quer?” ele perguntou, olhando para ela com seus olhos de groselha preta, enquanto retirava rapidamente a casca de uma árvore de canela.

“Estou viajando e gostaria de saber que lugar é este, se você puder me informar,” respondeu Lily, muito educada, mas um pouco assustada.

“Terras de Bolo. De onde você vem?” perguntou o homem de gengibre, com um tom de voz seco.

“Fui levada para o País dos Doces, e lá fiquei por muito tempo; mas cansei e fugi para encontrar algo melhor.”

“Criança sensata!” e o homem sorriu até Lily achar que suas bochechas iam se esfarelar. “Aqui você vai se sair bem!”

“Eu poderia fazer uma visita? Gostaria de ver como você vive e o que faz. Tenho certeza de que deve ser interessante,” disse Lily, levantando-se depois de uma queda, pois tinha comido quase toda a pedra, estava tão faminta.

“Claro! Eu posso falar enquanto trabalho.” E o engraçado homem de gengibre saiu trotando em direção à sua cozinha, cheia de panelas, rolos de massa e garrafas de melão.

“Sente-se. Estarei pronto assim que esta fornada estiver assada. Ainda tem algumas pessoas sábias lá embaixo que adoram biscoito de gengibre, e tenho as mãos cheias,” disse ele, correndo de um lado para o outro, mexendo, esticando e batendo a massa marrom nas formas, que ele colocava no forno e tirava tão rápido que Lily soube que havia magia envolvida.

De vez em quando ele lhe dava um biscoito delicioso, quentinho, direto do forno. Ela gostou do sujeito e começou a conversar, muito curiosa sobre aquele país.

“Qual é o seu nome, senhor?”

“Ginger Snap.”

Lily achou um bom nome; ele era muito rápido, e ela achava que ele poderia ser curto e incisivo se quisesse.

“Onde vai todo esse bolo?” ela perguntou, depois de observar outras cozinhas cheias de trabalhadores, cada um fazendo um tipo de bolo, e cada grupo de cozinheiros fazia o seu próprio tipo.

“Vou te mostrar,” respondeu Snap, começando a empilhar os montes de biscoito de gengibre em um pequeno carrinho que seguia por um trilho até um armazém desconhecido.

“Você não se cansa de fazer isso o tempo todo?”

“Sim; mas quero ser promovido, e nunca serei até fazer o meu melhor e ganhar o prêmio aqui.”

“Ah, me conte sobre isso! Qual é o prêmio, e como você é promovido? Isso é uma escola de culinária?”

“Sim; o prêmio pelo melhor biscoito de gengibre é um bolo de fermento condensado. Isso coloca uma alma em mim, e começo a crescer até poder ir além das colinas para a abençoada terra do pão, e me tornar uma das criaturas felizes que são sempre saudáveis, sempre necessárias, e sem as quais o mundo lá embaixo ficaria em uma situação difícil.”

“Essa é a coisa mais estranha que já ouvi. Mas não me surpreendo que você queira ir; eu também estou cansada de doces e sinto falta de um bom pedaço de pão, embora antes quisesse bolo e doces em casa.”

“Ah, minha querida, você vai aprender muito aqui; e tem sorte de não ter caído nas garras do Gigante Dispepsia, que sempre pega as pessoas se elas comerem demais dessa porcaria e desprezarem o pão saudável. Eu deixo meu gengibre para trás quando vou, e fico branco, redondo e bonito, como você vai ver. A família do Biscoito de Gengibre nunca foi tão tola quanto alguns dos outros bolos. O casamento é o pior; que extravagância em vinho, especiarias e frutas! Eu nunca vi algo tão bagunçado para comer quando fica pronto! Não me surpreendo que

as pessoas fiquem doentes; servem bem!” E Snap largou uma forma com tanto estrondo que fez Lily pular.

“Bolo de esponja não é ruim, é? Mamãe deixa eu comer, mas eu gosto mais de bolo de manteiga coberto de glacê,” ela disse, olhando para a cozinha ao lado, onde pilhas desse tipo de bolo estavam sendo cobertas de glacê.

“Coisa pobre. Sem substância. Dedos de dama servem para bebês, mas o bolo de manteiga tem manteiga demais para ser saudável. Deixe isso de lado e coma biscoitos ou bolos de sementes, minha querida. Agora, venha; já terminei.” E Snap empurrou seu carrinho a uma grande velocidade.

Lily correu atrás para pegar o que caía e olhou ao redor enquanto andava, pois aquele era, sem dúvida, um país muito estranho. Lagos de ovos todos batidos, e fontes quentes de bicarbonato de sódio borbulhavam aqui e ali, prontas para uso. A terra era de açúcar mascavo ou especiarias moídas; e as únicas frutas eram passas, groselhas secas, citronela e casca de limão. Era um lugar muito agitado, pois todos cozinhavam o tempo todo, e nunca falhavam e nunca pareciam cansados, embora ficassem tão quentes que só usavam lençóis de papel como roupas. Havia pilhas deles para cobrir os bolos e evitar que queimassem, e faziam chapéus de chef e aventais com eles, que ficavam muito bonitos. Um grande relógio feito de uma panqueca plana, com cravos para marcar as horas e dois palitos de dente como ponteiros, mostrava quanto tempo os bolos deveriam assar; e em um lugar, uma parede de gelo foi construída ao redor de

um lago de manteiga, que era cortada em pedaços quando precisavam.

"Aqui estamos. Agora, fique longe enquanto eu os joga lá embaixo," disse Snap, parando finalmente diante de um buraco no chão onde um elevador de carga estava pronto, com um nome sobre ele.

Havia muitos buracos ao redor e muitos garçons, cada um com seu nome; e Lily ficou surpresa quando leu "Weber," "Copeland," "Dooling" e outros, que ela conhecia muito bem.

Sobre o lugar de Snap estava o nome "Newmarch"; e Lily disse: "Ora, é de lá que mamãe compra o seu biscoito de gengibre duro, e o de Weber é onde vamos comprar sorvete. Você faz bolo para eles?"

"Sim, mas ninguém sabe disso. É um dos segredos do ofício. Cozinhamos para todos os confeitheiros, e as pessoas acham que as coisas boas saem dos porões sob os seus salões. Uma boa piada, não é?" E Snap riu até um estalo aparecer em seu pescoço e ele tossir.

Lily ficou tão surpresa que sentou em um bolo quente que estava por ali, e observou Snap enviar carga após carga de biscoito de gengibre para ser comido por crianças, que teriam gostado muito mais se soubessem de onde vinha, como ela sabia.

Enquanto ela se sentava, o barulho de muitas colheres, o cheiro de muitos jantares e o som de muitas vozes chamando, "Um de baunilha, dois de morango, e um Charlotte Russe," "Três ensopados, café com xícara, torrada seca," "Frango assado e maçã sem," subiam do próximo buraco, que estava marcado "Copeland."

"Acabei. Vamos, eu te levo de volta," chamou Snap, lançando o último biscoito para o elevador de carga enquanto ele desaparecia lentamente com sua carga temperada.

"Eu gostaria que você me ensinasse a cozinhar. Parece tão divertido, e mamãe quer que eu aprenda; só que nossa cozinheira odeia que eu faça bagunça e fica tão brava que eu não gosto de tentar em casa," disse Lily, enquanto ia rolando de volta.

"É melhor esperar até chegar à Terra do Pão, e aprender a fazer isso. É uma grande arte, e vale a pena saber. Não perca seu tempo com bolo, embora o pão de gengibre simples não seja ruim de ter em casa. Eu te ensino isso rapidinho, se o relógio não bater minha hora muito cedo," respondeu Snap, ajudando-a a descer.

"Que hora?"

"Bem, da minha liberdade. Eu nunca sei quando terminei minha tarefa até ser chamado pelos sinos e ir pegar minha alma," disse Snap, virando seus olhos de groselha ansiosos para o relógio.

"Eu espero que você tenha tempo." E Lily se pôs a trabalhar com toda sua força, depois que Snap colocou nela um avental de papel e uma touca como a dele. Não foi difícil; pois, quando ela ia cometer um erro, uma faísca saltou do fogo e a queimou a tempo de lembrá-la a olhar a receita, que era uma folha de pão de gengibre numa moldura de massa de torta pendurada à sua frente, com as instruções escritas enquanto ainda estava mole e assadas nela. A terceira folha que ela fez saiu do forno apimentada, leve e dourada; e Snap, dando-lhe um

toque, disse: "Isso está certo. Agora você sabe. Aqui está sua recompensa."

Ele lhe entregou um livro de receitas feito de finas folhas de pão de gengibre, unidas por uma capa de gelatina, com seu nome estampado na parte de trás, e cada folha ondulada com um cortador de bolos da maneira mais elegante.

Lily ficou encantada com isso, mas não teve tempo de ler tudo o que continha; pois, naquele momento, o relógio começou a tocar, e uma sinfonia de sinos soou, —

"Pão de gengibre, vá à cabeça.

Sua tarefa está feita, uma alma ganha.

Leve-a e vá onde os pães crescem.

Onde doces pães sobem até o céu

E biscoitos perfumados flutuam no ar.

Lá vai! Lá vai!

Não demore no mar de farinha

Mergulhe nesta hora.

Seguro no peito, deixe o bolo de fermento descansar

Até você se erguer em alegria

Um menino de pão branco!"

"Ha, ha! Estou livre! Estou livre!" gritou Snap, pegando o quadrado coberto de prata que parecia cair do céu; e correndo para um grande mar branco de farinha, ele entrou de cabeça, segurando o bolo de fermento apertado contra seu peito como se sua vida dependesse disso.

Lily observou sem respirar, enquanto um curioso movimento e borbulhar aconteciam, como se Snap estivesse rolando lá embaixo como um pequeno terremoto. Os outros bolos ficaram em volta da costa

com ela; pois era um grande evento, e todos estavam felizes que o querido amigo fosse promovido tão logo. De repente, um grito foi ouvido, e uma figura branca e bela surgiu do outro lado do mar. Ela moveu a mão, como se dizendo "Adeus," e correu colina abaixo tão rápido que só tiveram tempo de ver como ele estava fofinho e bonito, com um pequeno botão no topo da cabeça como uma coroa.

"Ele foi para a terra feliz, e vamos sentir falta dele; mas seguiremos seu exemplo e logo o encontraremos novamente," disse um gentil Bolo Esponja, com um suspiro, enquanto todos voltavam ao trabalho; enquanto Lily corria atrás de Snap, ansiosa para ver a nova terra, que era a melhor de todas.

Um delicioso odor de pão fresco subiu do vale enquanto ela estava no topo da colina e olhava para a cena pacífica abaixo. Campos de grãos amarelos balançavam com a brisa; vinhas de lúpulo cresciam de árvore em árvore; e muitos moinhos de vento giravam suas velas brancas enquanto moíam os diferentes grãos em farinha fresca e doce, para os pães que construía as casas como tijolos e pavimentavam as ruas, ou em muitas formas formavam as pessoas, móveis e animais. Um rio de leite fluía pela terra pacífica, e fontes de fermento subiam e desciam com uma espuma e efervescência agradáveis. O solo era uma mistura de muitas farinhas, e os caminhos eram de milho dourado, o que dava um ar muito alegre à cena. Flores de trigo sarraceno floresciam em seus caules rosados, e altas espigas de milho farfalhavam suas folhas no ar quente que vinha

dos fornos escondidos nas colinas; pois o pão precisa de fogo lento, e um vulcão prestativo fazia a assadura aqui. "Que lugar adorável!" exclamou Lily, sentindo o encanto da paisagem caseira, apesar das figuras engraçadas e fofinhas se movendo por ali.

Duas dessas figuras correram ao encontro dela enquanto ela caminhava lentamente pelo caminho dourado da colina. Um era um menino dourado, com um rosto radiante; o outro uma menina em um manto marrom brilhante, que parecia que teria um gosto muito bom. Cada um colocou uma mão quente na de Lily, e o menino disse, -

"Estamos felizes em vê-la. Muffin nos disse que você viria."

"Obrigado. Quem é Muffin?" perguntou Lily, sentindo como se já tivesse visto essas duas pessoas antes e gostado delas.

"Ele já foi Ginger Snap, mas agora é um Muffin. A gente começa assim e vai subindo até o pão perfeito, aos poucos. Meu nome é Johnny Cake, e ela é Sally Lunn. Você nos conhece; então venha, vamos correr", disse Johnny.

Lily soltou uma gargalhada com a ideia de brincar com esses velhos amigos dela; e os três saíram correndo o mais rápido que podiam, descendo a colina, atravessando uma ponte, até o meio da aldeia, onde pararam, ofegantes, e se sentaram em alguns pães bem macios para descansar.

"O que vocês fazem aqui?" perguntou Lily, quando recuperou o fôlego.

“Nós cultivamos, estudamos, assamos, fazemos cerveja e ficamos felizes o dia todo. Agora é hora da escola, e nós precisamos ir; quer vir?” disse Sally, pulando como se gostasse da ideia.

“Nossas escolas não são como as suas; só estudamos duas coisas—grãos e fermento. Acho que você vai gostar. Hoje temos fermento, e as experiências são bem legais”, acrescentou Johnny, indo em direção a uma grande torre marrom de centeio e pão de milho, onde a escola funcionava.

Lily nunca gostou de ir à escola, mas ficou com vergonha de admitir isso, então foi com Sally, e ficou tão entretida com tudo o que viu que ficou feliz por ter ido. O pão marrom era oco e não tinha teto; e quando ela perguntou por que usavam uma ruína, Sally lhe disse para esperar e ver porque escolheram paredes fortes e bastante espaço em cima. Ao redor havia um círculo de biscoitos muito pequenos, como almofadas, e sobre eles as crianças do pão se sentaram. Um pão quadrado no meio era a mesa da professora, e sobre ele estava uma espiga de trigo, com várias garrafas de fermento bem tampadas. A professora era uma senhora simpática e rechonchuda de Viena, muito sábia, e tão famosa pelo seu bom pão que era professora de Granologia.

Quando todos estavam sentados, ela começou com a espiga de trigo e explicou tudo sobre ela de um jeito tão interessante que Lily sentiu como se nunca tivesse sabido nada sobre o pão que comia antes. As experiências com o fermento eram empolgantes—pois a Fraulein Pretzel mostrou-lhes como ele funcionava até estourar a rolha, e subir para o céu se fosse deixado

muito tempo; como ele ficava azedo ou achatado e estragava o pão, se não fosse usado no momento certo; e como o excesso fazia o pão crescer até não ter mais substância.

As crianças eram muito inteligentes, pois eram alimentadas com os melhores tipos de aveia e pão de Graham, com muito pouco pão branco ou bolos quentes que estragariam seus estômagos. Eram meninos e meninas saudáveis e felizes, e suas almas de fermento estavam bem vivas, pois dançavam e cantavam, parecendo tão brilhantes como se acidez, peso e mofo fossem coisas totalmente desconhecidas.

Lily estava muito feliz com elas, e quando a escola terminou, foi para casa com Sally e comeu o melhor pão com leite que já tinha experimentado. Na parte da tarde, Johnny a levou ao campo de milho e mostrou como mantinham as espigas crescentes livres de bolor e vermes. Depois, ela foi até a padaria, onde encontrou seu velho amigo Muffin trabalhando duro, fazendo pães Parker House, porque ele era um excelente cozinheiro e foi colocado para trabalhar com os tipos mais leves de pão.

“Bem, não é melhor do que o País dos Doces ou Saccharissa?” perguntou Muffin, enquanto enrolava e dobrava suas porções de massa com um pouco de manteiga dentro.

“Muito mais!” exclamou Lily. “Já me sinto melhor e quero aprender tudo o que eu puder. Mamãe vai ficar tão feliz se eu souber fazer um bom pão quando eu voltar para casa. Ela é um pouco antiquada e gosta que eu seja uma boa dona de casa. Não achava o pão interessante antes,

mas agora acho; e a mãe do Johnny vai me ensinar a fazer bolos de milho amanhã.”

“Fico feliz em ouvir isso. Aprenda tudo o que puder e ensine aos outros como ter corpos saudáveis e almas felizes comendo comida boa e simples. Não como isso, embora esses pães sejam melhores do que bolo. Eu preciso trabalhar até o pão perfeito, você sabe; e então, ah, então, eu serei muito feliz.”

“O que acontece então? Você vai para algum outro lugar maravilhoso?” perguntou Lily, enquanto Muffin fazia uma pausa com um sorriso no rosto.

“Sim; eu sou comido por algum ser humano sábio e bom, e me torno parte dele ou dela. Isso é imortalidade e céu; pois posso nutrir um poeta e ajudá-lo a cantar, ou alimentar uma boa mulher que torna o mundo melhor por estar nele, ou ser esfarelado na tigela dourada de um príncipe bebê que vai governar um reino. Não é uma maneira nobre de viver, e um fim digno de se trabalhar por ele?” perguntou Muffin, com um tom que fez Lily sentir como se algum tipo de fermento fino tivesse entrado nela e estivesse fazendo seu cérebro trabalhar com novos pensamentos.

“Sim, é. Eu imagino que todas as coisas comuns são feitas para esse propósito, se soubéssemos disso; as pessoas deveriam ficar felizes em fazer qualquer coisa para ajudar o mundo, até mesmo fazer bom pão na cozinha”, respondeu Lily, de maneira séria, mostrando que sua mente já estava digerindo o novo alimento que recebeu.

Ela ficou na Terra do Pão por muito tempo, aprendeu e se divertiu muito com tudo que viu, e nunca esqueceu o

que aprendeu. Mas, finalmente, quando fez o pão perfeito, quis voltar para casa para que sua mãe visse e provasse.

“Eu coloquei muito de mim mesma nele, e adoraria pensar que dei a ela força ou prazer com meu trabalho”, disse ela, enquanto ela e Sally olhavam para o belo pão.

“Você pode ir quando quiser; é só pegar o pão nas suas mãos e fazer três desejos, e você estará onde quiser. Lamento que vá, mas não me espanto de você querer ver sua mãe. Não se esqueça do que aprendeu, e você sempre ficará feliz por ter vindo até nós”, disse Sally, beijando-a para se despedir.

“Onde está o Muffin? Não posso ir sem vê-lo, meu querido amigo”, respondeu Lily, procurando por ele.

“Ele está aqui”, disse Sally, tocando o pão. “Ele estava pronto para ir e escolheu passar para o seu pão em vez de qualquer outro, pois disse que te amava e ficaria feliz em ajudar a alimentar uma boa garotinha como você.”

“Que gentileza da parte dele! Eu preciso ter cuidado para crescer sábia e excelente, senão ele ficará desapontado e terá morrido em vão”, disse Lily, tocada pela devoção dele.

Então, despedindo-se de todos, ela abraçou seu pão com carinho, fez três desejos para estar em sua casa, e como um flash, lá estava ela.

Se seus amigos acreditaram na maravilhosa história de suas aventuras, não sei dizer; mas sei que ela se tornou uma boa dona de casa a partir daquele dia, e fez tanto pão maravilhoso que outras meninas vieram aprender

com ela. Ela também passou de uma criança frágil e rabugenta para uma mulher forte e saudável, porque comia muito pouco bolo e doces, exceto no Natal, quando os mais velhos e sábios gostam de fazer uma breve visita a País dos Doces.